

## Exegesis ou «Ele está no meio de nós»

«Emptiness is loneliness  
And loneliness is cleanliness  
And cleanliness is godliness  
And God is empty  
Just like me»

*Smashing Pumpkins, «Zero», Mellon Collie and  
the Infinite Sadness*

### RESUMO

Apesar do seu estatuto de género (literário e cinematográfico) algo desprezado, a ficção científica – em particular em anos mais recentes como é visível pelo percurso que vai de *Neuromancer* à trilogia cinematográfica *The Matrix* – tem servido de mediador entre os campos aparentemente inconciliáveis da tecnociência e da religião, constituindo-se assim como componente fundamental da cibercultura. Deve contudo averiguar-se o quanto essas ligações recuam a um período bastante anterior. É esse o objectivo deste artigo; embora restringindo a sua análise a apenas um autor, Philip K. Dick, a sua relevância provém do duplo facto de ser um nome incontornável do género e de se servir – particularmente nas suas últimas obras – de noções próximas da teoria da informação.

### PALAVRAS-CHAVE

- matrix
- teoria da informação
- religião

### ABSTRACT

*In spite of its gender statute (literary and cinematographic), something despised, the science fiction – particularly in more recent years as it is visible for the course that is going from Neuromancer to the cinematographic trilogy The Matrix – it has been serving as mediator among the fields apparently incompatible of the techno-science and of the religion, being constituted as well as fundamental component of the cyberculture. However, it means to retreat to a quite previous period. That is the aim of this article; although just restricting the analysis of one single author, Philip K. Dick, its relevance comes from the double fact of being a name of the genre and of serving – particularly in his last works – of close notions of the theory of the information.*

### KEY WORDS

- matrix
- information theory
- religion

**Jorge Martins Rosa**  
Universidade Nova de Lisboa

Entre Philip K. Dick e os mundos que criou poder-se-ia dizer que parecem concretizar, mesmo que no plano da ficção, a conhecida sugestão de Descartes acerca do demónio maligno que se compraz em iludir os seres que, aliás, criou com esse fito perverso. A realidade é aí ilusória; é um tapete que desliza por debaixo dos pés para revelar que nada há sob eles (porventura nem mesmo os pés). As personagens descobrem que não são seres humanos e sim andróides [«Impostor» e «The Electric Ant»], o mundo objectivo revela-se uma encenação [*Time out of Joint*], um acto volitivo [«The World she Wanted»] ou um delírio de outra mente [*The Three Stigmata of Palmer Eldritch*] ou de uma mente colectiva [*A Maze of Death*]; o próprio estatuto da realidade deriva muito rapidamente para a possibilidade de não ser mais do que um mero sonho ou alucinação alheios [*Eye in the Sky, Flow my Tears, the Policeman Said*]. Por vezes – pensamos essencialmente na sua produção da década de 50 e início da de 60, apesar das muitas excepções – o desenlace é um regresso a terreno firme; em casos mais tardios e mais problemáticos esta solução é deliberadamente evitada.

Dostoievsky anunciava, em *Crime e Castigo*, que «Se Deus morreu, então tudo é possível»; em Dick, aparentemente, «Se tudo é possível, então Deus morreu» (e flutua agora no espaço)<sup>1</sup>. Só aparentemente, contudo. Philip K. Dick era um crente, ainda que bastante idiossincrático, e embora nunca tenha deixado de questionar essas mesmas crenças por via da ficção, a presença de alguma forma de religiosidade assombrou desde o início a sua obra, acabando gradualmente por se tornar a temática dominante. Já em *The Cosmic Puppets*, a primeira novela aceite para publicação<sup>2</sup> e a única claramente enquadrável no género *fantasy*, um vilarejo esquecido é o palco da milenar e insolúvel luta entre Ormazd (Ahura Mazda) e Ahriman, as divindades do mazdeísmo zoroastriano. Ainda nos anos 50, *Solar Lottery* aborda uma forma de messianismo *à la space opera* e *The World Jones Made* refere a ascensão de uma seita cujo líder prevê o futuro próximo, mas a temática tem de modo geral um valor secundário para a evolução da narrativa. Na década seguinte, altura em que, incentivado pela sua terceira mulher, começa a frequentar mais assiduamente a Igreja Episcopaliana<sup>3</sup>, o tratamento ficcional da religião ganha em importância – ao que os nem sempre confiáveis relatos de Dick indiciam, por via de uma visão do Mal absoluto sob a forma de um rosto no céu, um rosto coberto por um elmo metálico<sup>4</sup> que viria a tornar-se o Palmer Eldritch de *The Three Stigmata*... Outros contos e novelas, como «The Little Black Box», *The Unteleported Man*, *Counter-Clock World*, «Faith of our Fathers», *Do Androids Dream of Electric Sheep?* e, acima de tudo, *Ubik* e *A Maze of Death* confirmam a ascensão

desta temática<sup>5</sup>. É contudo ainda difícil descortinar uma unidade, por mais que a sua sempiterna obsessão com a questão «O que é a realidade?» ajude a perceber a aparente oscilação no tratamento do tema.

A década de 70, quer nos coloquemos do ponto de vista da vida ou do da obra, permite – assim acreditamos – responder a esse anseio por coerência que é tão típico da crítica literária (mesmo quando se trata de um género como a ficção científica). Logo em 1970, *Flow my Tears, the Policeman Said* inclui passagens que o próprio Philip K. Dick viria a descobrir serem inquietantemente semelhantes aos Actos dos Apóstolos<sup>6</sup>, mas só depois dos «eventos» de 1974 a temática da religião se tornaria omnipresente. A importância destes acontecimentos é aliás tão determinante que obriga a que deles se faça uma breve descrição. Entre Fevereiro e Março de 1974, Dick (que havia feito poucos anos antes uma cura de desintoxicação) é acometido por um conjunto de alucinações, entre as quais se incluía a visão de um feixe de luz rosa, de um peixe (símbolo dos cristãos primitivos), de uma sequência de quadros abstractos, a audição de palavras numa língua desconhecida, que Dick declararia mais tarde tratar-se do grego *koiné* do início da era cristã, e a mensagem de que o seu filho mais novo, Christopher, sofreria de uma hérnia inguinal (o que viria a confirmar-se).

Não podemos, obviamente, tomar tudo o que K. Dick descreveu como correspondendo à pura verdade. Ele foi, aliás, o primeiro a duvidar do que ocorreu, tentando explicá-lo, da forma mais racional e prosaica, como resultado de uma *overdose* de uma autoprescrição de vitaminas (sem esquecer que nem dois anos tinham passado da cura de desintoxicação, depois de perto de uma década de abuso de anfetaminas, e que no início de Fevereiro de 1974 lhe havia sido extraído um dente do siso, estando ainda em tratamento). Nada há de mais pessoal e intransmissível do que a experiência, e desta seria escusado falar caso se tivesse mantido privada. Em vez disso, Philip K. Dick tornou-a indissociável daquilo que viria a escrever até à sua morte em 1982. Mais ainda, o modo como o fez permite trazer alguma luz até mesmo à obra anterior, permeando-a de uma unidade até aí dificilmente detectável<sup>7</sup>, em boa parte pelo ecletismo das perspectivas assumidas e das fontes em que se inspirou, do gnosticismo ao *I Ching* passando pelo dualismo de Zoroastro mas acabando por fixar-se, como seria de esperar, na tradição cristã.

### O universo oculto

Perante a relevância dos acontecimentos desses meses – que Dick abreviou como «2-3-74», sigla que seguiremos –, a via mais lógica recomenda que se comece por analisar o que produziu a partir de então. Na sequência do que se disse acima, ficção e ensaio tornam-se indissociáveis, dependendo ambos do metatexto que é o manuscrito de cerca de

3000 páginas que Dick redigiu durante os anos subsequentes, nunca conseguindo dá-lo como encerrado – apesar de o tentar por diversas vezes – e que intitulou *Exegesis*. A totalidade do manuscrito encontra-se compreensivelmente inédita, mas, além dos excertos que o autor apensou a *VALIS*, existe um conjunto de passagens disponíveis numa colectânea de ensaios<sup>1</sup>, e a amostra é suficientemente representativa para que se possa tomar a parte pelo todo.

Numa perspectiva estritamente cronológica, o primeiro texto de ficção redigido depois de 2-3-74 a remeter para esses mesmos eventos é um conto, inédito em vida, intitulado «The Eye of the Sybil»<sup>1</sup>, que, talvez pela sua brevidade, dá o tom a tudo o que se seguiria. A história oscila entre dois tempos, a época romana (aparentemente depois do assassinio de Júlio César, e seguramente antes da era cristã), e os «idos de Março» de 1974. No primeiro, o sacerdote Philos Diktos relata o seu encontro com a Sibila, que lhe anunciara dois mil anos de cativeiro e repressão; no segundo, um escritor de ficção científica começa por recordar um episódio de infância onde sonhara com palavras em latim, algumas impróprias para uma criança, para depois, já adulto, referir um momento de alucinação desencadeado ao olhar para uma gravura de um sacerdote romano. Com a alucinação, os tempos mesclam-se e, por um processo de anamnese, o mesmo ocorre com as duas personagens. O cativeiro afinal continua, como a Sibila predissera, mas para Philos Diktos-Phil Dick<sup>2</sup> o tempo de libertação aproxima-se. O cativeiro, espécie de caverna platónica que encobre a realidade com percepções ilusórias<sup>3</sup>, mas a que não falta uma interpretação política, é aí nomeado, como continuaria a sê-lo daí em diante, como «Black Iron Prison», tal como no poema de Virgílio com que termina o conto. A esta prisão suceder-se-á a «Springtime», uma Primavera que é acima de tudo um acordar dos sentidos. Não surgem ainda no conto outras imagens que complementam o raciocínio. A «Springtime», tratando-se de um processo de anamnese, remete necessariamente para um tempo anterior, uma espécie de *golden age* que precede uma Queda pela qual não fomos responsáveis. A essa realidade edénica (no passado) e libertadora (no futuro) chamará «Palm Tree Garden». A forma de sair da prisão e regressar ao paraíso, um portal que remete para as «doors of perception» de Huxley, está oculta no «Golden Rectangle», a secção de ouro cujas proporções correspondem ao termo da série de Fibonacci e que pode ser encontrada quer na natureza quer na arquitectura clássica. A Natureza, afinal, como o sabem alguns iniciados, pode ser descortinada por entre a ilusão: ela oculta-se recorrendo ao mimetismo. Inspirado naquele que lhe parece ser o exemplo mais estupefacente de mimetismo, o da fusão com todo o ambiente circundante, Philip K. Dick chamará «Zebra» a este processo de dissimulação.

Nenhum dos conceitos deixará de ocorrer – mais

ou menos explicitamente – na obra subsequente de Dick. «Zebra» chegou a ser, por exemplo, um dos títulos provisórios de *VALIS*, e a razão de ouro de Fibonacci e dos pitagóricos é um elemento-chave de *The Divine Invasion*. Mas estes são apenas alguns componentes de uma verdadeira cosmologia bastante mais complexa, de que – de novo – «The Eye of the Sybil» constituirá o mote. Assim ocorre com a noção «ortogonal» de temporalidade e com as ilações políticas que daí podem ser derivadas, como o faz o próprio Dick nos seus momentos de maior cepticismo. Se a realidade que percebemos é uma ilusão, sê-lo-á também – e necessariamente – a percepção linear do tempo. Fazendo lembrar Sto. Agostinho e João Erígena (que Philip K. Dick glosa em *Counter-Clock World*), para uma entidade onisciente apenas é apreensível a eternidade (espécie de «hiper-fotografia» de todos os acontecimentos passados, presentes e futuros). O tempo como fluxo é uma percepção de seres limitados e imperfeitos. Mas se o homem é dotado de livre arbítrio, como conciliá-lo com a ideia de eternidade (com o corolário da predestinação sempre à espreita)? A «solução» há muito que é procurada na ficção científica, e Dick não faz mais do que unificar uma série de dispositivos narrativos que neste género literário são quase da ordem do  *cliché*. Cada acto equivale a abrir o universo em duas (ou mais) realidades alternativas e, assim, somos pelo menos livres de optar por uma «linha» de realidade, o que não impede essa entidade onisciente de conhecer o nosso percurso de antemão – mais do que isso, conhece tanto o nosso quanto o das nossas múltiplas versões que fizeram opções distintas. Mas, tanto ou mais importante, se cada realidade é uma linha, então o conjunto de todas as realidades é um plano (ou volume, ou hipervolume): por que não atravessar esse plano ortogonalmente, saltando entre tempos e entre realidades?

Se a isso acrescentarmos que algumas das realidades são ilusórias e outras (talvez apenas uma) não o é, o salto ortogonal, ou pelo menos a consciência de que ele pode ser concebido, corresponde à anamnese, e depressa a ideia se presta a uma interpretação teológica (cf. Dick, 1976b, in Sutin, 1989, p. 216 e segs.). Nesta muito idiossincrática leitura de Dick, desfaz-se inclusive o equívoco dos Evangelhos acerca da iminência do reino de Deus, que ora já chegou ora está ainda para vir: nas realidades ainda dominadas pela «Black Iron Prison» ele ainda não chegou, noutras terá chegado ainda nos tempos apostólicos. E se o tempo é uma ilusão e pode ser superado «ortogonalmente», o tempo apostólico é concomitante com o nosso: 1974 d. C. ou 70 d. C. coexistem no plano da eternidade; a geração que não há-de passar antes que tais acontecimentos tenham lugar é a mesma, sempre a mesma. Ou então, contornando qualquer interpretação teológica, a opressão política é a mesma, sempre a mesma. Afirmar que o Império (Romano) ainda subsiste pode ser apenas uma outra

forma de dizer que todos os governantes – ditadores ou não – são os responsáveis pela ilusão (ideológica?) que cobre a realidade, a começar por Richard Nixon, que em *Rádio Free Albemuth* e em *VALIS* surge como Ferris F. Freemont, ou FFF, ou ainda – já que o F é a sexta letra do alfabeto – a besta 666. A libertação, a saída da «Black Iron Prison» para o «Palm Tree Garden» através do «Golden Rectangle», é acima de tudo uma libertação através do conhecimento, o que faz com que a teologia regressasse, desta vez segundo a forma da gnose.

### Sapere aude

Igualar K. Dick ao gnosticismo é reduzir a uma mera doutrina a multiplicidade de crenças e hipóteses que procurou aglutinar na sua ficção, se não mesmo nas suas íntimas convicções. Ainda assim, é impossível descurar a forte presença de componentes gnósticas, bem como dualistas, na sua obra. Referimos já que, em *The Cosmic Puppets*, recorre às actualmente quase desconhecidas divindades do zoroastrismo, e portanto a uma das doutrinas inauguradoras do dualismo divino entre Bem e Mal. Que a realidade é quase certamente uma ilusão é algo que Dick não deixou de usar como matéria-prima para as suas narrativas. Será muito menos recorrente o pronunciado desprezo, típico de todas as doutrinas gnósticas, pela materialidade do corpo, ainda que sejamos por diversas vezes levados a presumi-lo, na medida em que quer a realidade quer a ilusão são acima de tudo construções da mente. Quase todos os elementos fundamentais do gnosticismo estão presentes na obra de Dick e acentuam-se com os eventos de 2-3-74, a começar pela marcada cisão entre o plano ilusório e a realidade, à qual só se pode aceder por uma espécie de processo iniciático. Disso é prova a equivalência, presente ao longo de toda a trilogia de *VALIS*, entre Cristo e a *hagia sophia* (Santa Sofia ou sagrada sabedoria), que como o próprio explica, surgem como duas partes de Deus, uma masculina outra feminina, que é necessário voltar a unir.

Concretizando, ao mesmo tempo que enumeramos outros elementos gnósticos: em *The Divine Invasion*, o próprio Cristo, pela segunda vez encarnado na figura da criança Emmanuel, ignora quem é, e é necessário que uma outra criança, Zina (também  *djinn*, fada ou feiticeira, ou ainda Diana e Santa Sofia) lhe induza, por etapas, o processo de anamnese que o fará tomar consciência de que ele e ela são duas partes de Deus a um tempo divididas e dele separadas, enfraquecendo-O e condenando-O ao degredo num planeta distante do sistema solar. Enquanto assim não ocorre, a realidade material é dominada por Belial, o Diabo, aí também nomeado como o «macaco de Deus» – outra crença que nasce com os gnósticos –, incapaz que é de mais do que uma pálida imitação da criação. É pois necessário, para restaurar a realidade entretanto transformada em «Black Iron Prison», que todo o conhecimento

chegue de forma dissimulada, nem que seja por intermédio de um dispositivo electrónico portátil (cf. 1980a, p. 60 e segs.), ingressar numa «Comunidade Secreta», entrar numa dimensão paralela cuja existência Belial terá necessariamente de ignorar – para fazê-lo, entra-se pela porta que está «onde quer que a Proporção de Ouro exista» (*idem*, p. 125) – e onde ninguém é tal como no mundo material, excepto Emmanuel/Cristo (cf. *idem*, *ibidem*).

O registo «mítico», dominante em *The Divine Invasion*, leva a que a narrativa se centre nesse tema caro ao gnosticismo que é o do próprio Deus que, esquecido de si mesmo, tem de primeiro recordar a sua verdadeira realidade, vivendo daí em diante oculto enquanto prepara a batalha final contra Belial. Em contrapartida, *VALIS* (e *Rádio Free Albemuth*) mantém a focalização ao nível do humano: por mais que também aí se torne necessária uma anamnese, o domínio das personagens raramente se confunde com o divino. Subsiste aliás a dúvida acerca do estatuto – ou mesmo da existência – desse domínio exterior, como o atesta a desmultiplicação do autor em pelo menos quatro personagens: Horselover Fat, Phil Dick, o céptico e niilista Kevin e o crente (católico) David. Cada uma das personagens equivale a uma interpretação da realidade (e de 2-3-74), sendo que apenas duas, Horselover e David, insistem numa leitura teológica. Phil Dick procura, ao menos enquanto narrador, colocar-se fora de qualquer disputa; Horselover Fat é a personagem atormentada pela impossibilidade de deliberar qual a melhor explicação das suas visões; Kevin e David puxam a corda em sentidos opostos, obrigando, para que todas as opiniões possam ser conciliadas, a um delírio interpretativo que vai buscar «provas» a religiões primitivas como a da tribo dos Dogon, ao *I Ching*, à filosofia grega, ao Novo Testamento, ao hermetismo, e a outras fontes de outra forma incompatíveis. De entre estas, há contudo uma que se destaca pela novidade e pela constância: a teoria da informação.

### Deus como informação

Na história mais recente da ficção científica enquanto género, mais precisamente no percurso que vai de *Neuromancer* à trilogia cinematográfica *The Matrix*, familiarizámo-nos com um novo *topos*, que faz equivaler o *software* e a informação ao domínio do sobre-humano, eventualmente coincidindo com a divindade. Uma obra, que consideramos mera especulação sob a capa do científico, *The Physics of Immortality: Modern Cosmology, God and the Resurrection of the Dead*, de Frank J. Tipler, procura de resto prová-lo matematicamente. Restringir-mo-nos aos últimos vinte anos é esquecer o quão anterior é esse *topos*, anterior inclusive a K. Dick. É contudo sua a obra de charneira no desenvolvimento desta hipótese, *VALIS*. O significado da sigla é revelador – «Vast Active Living Intelligent System» – e praticamente cada uma das palavras mereceria um tratamento mais

alargado. Podemos ainda assim reter o essencial: se *VALIS* é Deus ou pelo menos um análogo de Deus (pois a indecisão permanece depois de finda a leitura), é antes de mais um sistema, uma forma complexa e organizada, não necessariamente artificial ou alienígena mas passível de uma representação de que ressaltam as interações com o exterior. Entre o conceito de «sistema» e o de «informação» há, pelo menos desde Bertalanffy e de Claude Shannon, uma afinidade electiva: a partir do momento em que os organismos começaram a ser concebidos como sistemas, a perspectiva deslocou-se de uma descrição da sua materialidade e das trocas de energia para a das funções que o sistema cumpre – um mais alto grau de abstracção, portanto –, o que teve como consequência a promoção das trocas informacionais a um papel de maior relevância. Tentando usar um vocabulário menos técnico, descrever um sistema a partir da função que cumprem os elementos relativamente a este, e este relativamente ao seu ambiente, abre o caminho para a reprodução/modelização artificial dessas mesmas funções em contextos distintos. Assim como o corpo conserva a sua temperatura recorrendo à sudação ou ao consumo de reservas de gordura, consoante o objectivo intermédio é arrefecer ou aquecer, também um termóstato pode manter constante a temperatura de uma sala. Se se provar que a racionalidade é acima de tudo a aplicação de regras lógicas de raciocínio, essas mesmas regras podem ser inscritas na memória de um computador, que dessa forma se tornaria inteligente.

Não vamos aqui dissertar sobre a validade de tais afirmações; interessa acima de tudo perceber o quanto elas foram influentes, por mais que os resultados práticos as contradissem. A ficção científica foi particularmente propícia ao uso de ideias como a da superação da inteligência humana por parte dos computadores, quantas vezes levando à guerra entre homens e máquinas. Philip K. Dick não escapou a esta influência, nem mesmo a tratamentos que em pouco se distinguem, apesar da sua mestria, do lugar comum. Inúmeros contos das décadas de 50 e 60 mencionam computadores ou *robots* super-inteligentes que lutam contra o homem ou em vez dos homens, ou que tão-só o dominam a ponto de lhe tomarem o lugar em tarefas como a governação (cf., por exemplo, «Second Variety», «The Defenders» ou *Vulcan's Hammer*). O caso de *VALIS*, ainda que proveniente dessa linhagem, afasta-se dela o bastante para constituir um objecto à parte. Não se trata de pôr a racionalidade humana em pé de igualdade com a inteligência artificial – de resto, Philip K. Dick procurou de modo incansável definir a essência do humano a partir de algo distinto da mera racionalidade. Em vez disso, o que está em causa não é uma possibilidade, e sim a *impossibilidade* de determinar a origem de uma outra forma de inteligência que se mostra radicalmente diferente da humana – e também radicalmente superior a esta. E essa equivalên-

cia por contraste torna-se plausível – pelo menos para o autor da *Exegesis*, seja ele Philip K. Dick ou Horselover Fat –, a partir do momento em que aí se afirma:

«31. Nós hipostasiamos a informação em objectos. A reordenação no conteúdo dos objectos é mudança no conteúdo da informação [...] Nós próprios somos uma parte dessa linguagem [...] 32. A informação em mudança que sentimos como mundo é uma narrativa à medida que se desvela. [...] 37. Devíamos ser capazes de escutar essa informação, ou melhor, narrativa, como uma voz neutra dentro de nós. Mas alguma coisa correu mal. [...] 44. Como o Universo é na verdade informação, então pode dizer-se que essa informação nos salvará. Essa é a *gnosis* salvadora que os Gnósticos procuravam.» (1978a, vol. II, pp. 132-137 e 140)

Demoremo-nos um pouco mais na intriga de *VALIS*. Horselover Fat, o protagonista, acredita que teve um encontro com Deus:

«Fat deve ter surgido com mais teorias do que as estrelas do universo. [...] No entanto Deus permanecia um tema constante. Fat afastava-se da crença em deus como um cão tímido que eu tive uma vez se afastava do jardim da frente da minha casa. Ele – os dois – davam primeiro um passo, depois outro, talvez o terceiro e depois viravam o rabo e corriam de novo, aflitos, de volta ao território familiar.» (1978a, vol. I, p. 49)

Mas a hipótese surge-lhe ao longo de todo o livro como demasiado ousada: «Como podemos nós distinguir uma teofania genuína de uma simples alucinação por parte do percipiente?» (1978a, vol. I, p. 56) Não haverá, em plena segunda metade do século XX, explicações mais prosaicas, como a de uma mera transmissão com o recurso a meios técnicos? Mas como explicar que Fat tenha sido o «eleito»?

Christopher Palmer, em *Philip K. Dick: Exhilaration and Terror of the Postmodern* faz uma afirmação que indirectamente nos auxiliará:

«Enquanto os andróides ameaçam os humanos ao reduzirem-nos a mecanismos, cujos processos são rotinas e cujos produtos são réplicas, as divindades ameaçam absorver os humanos numa unidade, num estado em que a diferenciação é cancelada.» (2003, p. 225-226)

Desenvolvendo o raciocínio, se ao longo da sua obra K. Dick procura reencontrar e resgatar a medida do humano através da diferenciação – por vezes desesperada, como em *Do Androids Dream...?* – face a esses elementos «estranhos» que são o infra-humano (o artificial, o andróide) e o supra-humano (o

divino), em *VALIS* dá-se o passo em frente que até aí hesitara arriscar. Se divino e artificial são afins, na medida em que distintos do humano apesar de ameaçarem absorvê-lo, por que não levar às últimas consequências essa afinidade? Sendo impossível concluir algo de definitivo acerca da experiência de 2-3-74, excepto a sua radical exterioridade, por que não fundir no delírio interpretativo essas formas de exterioridade sob o conceito unificador da «informação»? Philip K. Dick vai ainda mais longe: até mesmo a fusão entre humano e divino se torna possível se do homem retivermos apenas a possibilidade de processar informação, prescindindo da carne. Daí a importância central de 1 João, 3: 1-2 para *VALIS*: «somos já os filhos de Deus», ou, em versão gnóstica, filhos do Homem porque «o homem é isomórfico com Deus» (1978a, vol. I, p. 100, *ibidem* para a citação bíblica), não na materialidade mas sim na capacidade de aceder ao conhecimento.

É essa, no essencial, a solução que prevalece. A intangibilidade da informação é compatível com as doutrinas dualistas que opõem o espírito à solidez do corpo, desvalorizando o segundo como mera ilusão ou estratégia de um espírito maligno e cego, se não mesmo diabólico, que quer enclausurar a «centelha» humana, a sua parte do divino ou Homem primordial na prisão da carne, da matéria, da realidade quotidiana. Assim sendo, Deus – o *logos* – não pode senão mostrar-se através da informação que é dirigida ao espírito. Que sejam necessários meios materiais para veicular essa informação (mesmo nos momentos em que se assume a «teoria» segundo a qual a fonte das alucinações é um satélite soviético ou extraterrestre), essa é apenas mais uma das manifestações do *logos* que se tornou carne, como no mais gnóstico dos Evangelhos. ■FAMECOS

## REFERÊNCIAS

- APEL, D. Scott (org.). *Philip K. Dick: The Dream Connection*, San Jose (CA), The Impermanent Press, 1987
- BARLOW, Aaron John. *Reality, Religion and Politics in Philip K. Dick's Fiction*, Tese de doutoramento em Literatura Inglesa, University of Iowa (Iowa City, Iowa), online in <http://www.philipkdickfans.com/articles/barlow.htm>, 1988
- BORGES, Jorge Luis. *El Hacedor*, ed. port. *O Fazedor*, in *Obras Completas II: 1952-1972*, Lisboa, Teorema, 1960, pp. 151-231.
- CLUTE, John e Nicholls, Peter (orgs.) *The Encyclopedia of Science Fiction* (2.<sup>a</sup> ed.), Londres, Orbit, 1999.

- DAVIS, Eric. *Techgnosis: Myth, Magic and Mysticism in the Age of Information*, Nova Iorque, Three Rivers Press, 1998.
- DERRIDA, Jacques. *D'un ton apocalyptique adopté naguère en philosophie*, ed. port. *De um Tom Apocalíptico Adoptado há pouco em Filosofia*, Lisboa, Vega, 1997, tradução e posfácio de Carlos Leone, 1983.
- DICK, Philip K. *The Defenders, Galaxy*, Janeiro de 1953, repub. in *Beyond Lies the Wub*, Londres, Millennium/Gollancz, 2000, pp. 67-85.
- . *Second Variety, Space Science Fiction*, Maio de 1953, repub. in *Second Variety*, Londres, Millennium/Gollancz, 1999, pp. 15-52.
- . *The World She Wanted, Science Fiction Quarterly*, Maio de 1953, repub. in *Second Variety*, Londres, Millennium/Gollancz, 1999, pp. 141-154.
- . *Impostor, Astounding*, Junho de 1953, repub. in *Second Variety*, Londres, Millennium/Gollancz, 1999, pp. 299-310.
- . *Small Town, Amazing*, Maio de 1954, repub. in *Second Variety*, Londres, Millennium/Gollancz, 1999, pp. 341-353.
- . *A Glass of Darkness, Satellite*, Dezembro de 1956, republicado sob forma de novela como *The Cosmic Puppets*, ed. port. *Marionetas Cóslicas*, Mem Martins, Europa-América, 1993, tradução de Eduardo Saló.
- . *Solar Lottery*, ed. port. *Lotaria Solar*, Mem Martins, Europa-América, 1989, tradução de Samuel Soares.
- . *The World Jones Made*, Nova Iorque, Vintage Books, 1993. *Eye in the Sky*, ed. port. *Universos Paralelos*, Lisboa, Edições 70, 1991, tradução de Eduardo Saló.
- . *Time Out of Joint*, ed. port. *O Homem mais Importante do Mundo*, Lisboa, Livros do Brasil, 1985, tradução de Eurico Fonseca.
- . *Vulcan's Hammer*, ed. port. *A Máquina de Governar*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d, tradução de Eurico Fonseca.
- . *The Little Black Box, Worlds of Tomorrow*, Agosto de 1964, repub. in *We Can Remember it for you Wholesale*, Londres, Millennium/Gollancz, 2000, pp. 1-21.
- . *The Three Stigmata of Palmer Eldritch*, ed. port. *Os Três Estigmas de Palmer Eldritch*, Mem Martins, Europa-América, s/d, tradução de Carolina de Oliveira.
- . *The Unteleported Man*, Nova Iorque, Berkley, 1983.
- . *Counter-Clock World*, Londres, Voyager, 2002.
- . *Faith of our Fathers*, in Harlan Ellison (org.), *Dangerous Visions*, repub. in *We Can Remember it for you Wholesale*, Londres, Millennium/Gollancz, 2000, pp. 197-222.
- . *Do Androids Dream of Electric Sheep?*, ed. port. *Blade Runner: Perigo Iminente*, Mem Martins, Europa-América, s/d, tradução de Raquel Martins.
- . *The Electric Ant, Fantasy & Science Fiction*, Outubro de 1969, repub. in *We Can Remember it for you Wholesale*, Londres, Millennium/Gollancz, 2000, pp. 225-239.
- . *Ubik*, ed. port. *Ubik*, Mem Martins, Europa-América, s/d, tradução de Américo de Carvalho.
- . *A Maze of Death*, Nova Iorque, Vintage, 1994.
- . *Our Friends from Frolix 8*, Londres, Voyager/Harper-Collins, 1997. *Flow my Tears, the Policeman Said*, ed. port. *Vazio Infinito*, Mem Martins, Europa-América, s/d, tradução de Maria Teresa Pinto Pereira.
- . *The Eye of the Sybil*, in *We Can Remember it for you Wholesale*, Londres, Millennium/Gollancz, 2000, pp. 297-305.
- . *Deus Irae* (com Roger Zelazny), ed. port. *O Deus da Fúria*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d, tradução de Eurico Fonseca.
- . *Radio Free Albemuth*, Londres, Voyager/Harper Collins, 1999.
- . *Man, Android and Machine*, in Sutin, Lawrence (org.), *The Shifting Realities of Philip K. Dick: Selected Literary and Philosophical Writings*, Nova Iorque, Vintage, 1995, pp. 211-232.
- . *If you find this World Bad, you should see some of the Others*, in Sutin, Lawrence (org.), *The Shifting Realities of Philip K. Dick: Selected Literary and Philosophical Writings*, Nova Iorque, Vintage, 1995, pp. 233-258.

- VALIS, ed. port. *O Mistério de Valis*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d, tradução de Eurico da Fonseca, 2 vols.
- . How to Build a Universe that Doesn't Fall Apart Two Days Later, in Sutin, Lawrence (org.), *The Shifting Realities of Philip K. Dick: Selected Literary and Philosophical Writings*, Nova Iorque, Vintage, 1995, pp. 259-280.
- . Cosmogony and Cosmology», in Sutin, Lawrence (org.), *The Shifting Realities of Philip K. Dick: Selected Literary and Philosophical Writings*, Nova Iorque, Vintage, 1995, pp. 281-316.
- . *The Divine Invasion*, ed. port. *A Invasão Divina*, Lisboa, Livros do Brasil, 1984, tradução de Eurico Fonseca.
- . *The Transmigration of Timothy Archer*, ed. port. *A Transmigração de Timothy Archer*, Mem Martins, Europa-América, 1993, tradução de João Patrício Álvares.
- FLANNERY-DAILEY, Frances e Wagner, Rachel. Wake Up! Gnosticism and Buddhism in *The Matrix*, online in [http://whatisthematrix.warnerbros.com/rl\\_cmp/new\\_phil\\_wakeup.html](http://whatisthematrix.warnerbros.com/rl_cmp/new_phil_wakeup.html), 2002.
- GIBSON, William. *Neuromancer*, Londres, Voyager/ Harper Collins, 1995.
- HAYLES, N. Katherine. Turning Reality Inside out and Right Side Out: Boundary Work in the Mid-Sixties Novels of Philip K. Dick, in *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature and Informatics*, Chicago, The University of Chicago Press, 1999, trad. port. «A Realidade do Averso: A Questão da Fronteira na Obra de Philip K. Dick», *Revista de Comunicação e Linguagens*, n.º 30 (Pop), pp. 107-142.
- JASPERS, Karl. *Die Massgebenden Menschen*, ed. port. *Os Mestres da Humanidade: Sócrates, Buda, Confúcio, Jesus*, Coimbra, Almedina, 2003, tradução de Jorge Telles de Menezes.
- JONAS, Hans. *The Gnostic Religion: The Message from the Alien God and the Beginnings of Christianity*, Boston (MA), Beacon Press, 2001.
- KERMODE, Frank. *The Sense of an Ending*, ed. port. *A Sensibilidade Apocalíptica*, Lisboa, Século XXI, 1997, tradução de Melo Furtado e posfácio de José Augusto Mourão.
- KNOTT, Ron. Fibonacci Numbers and Nature, online in <http://www.mcs.surrey.ac.uk/Personal/R.Knott/Fibonacci/fibnat.html>, 1996-2003.
- LAWRENCE, D. H. *Apocalypse and the Writings on Revelation*, Harmondsworth, Penguin, 1995 (Introdução e notas de Mara Kalnins).
- LEE, Gwen e Sauter, Doris Elaine (orgs.) *What if our World is their Heaven: The Final Conversations of Philip K. Dick*, Nova Iorque, Overlook Press, 2003.
- MCKEE, Gabriel. *Pink Beams of Light from the God in the Gutter: The Science-Fictional Religion of Philip K. Dick*, Lanham (MD), University Press of America, 2004.
- MESSADIÉ, Gerald. *Histoire Générale du Diable*, ed. port. *História Geral do Diabo: Da Antiguidade à Época Contemporânea*, Mem Martins, Europa-América, 2001, tradução de Alda Sophie Vinga.
- . *Histoire générale de Dieu*, ed. port. *História Geral de Deus: Da Antiguidade à Época Contemporânea*, Mem Martins, Europa-América, 2001, trad. de Sophie Penberthy Vinga.
- MOTA, José Manuel. *O Efeito de Irreal: A Fantasia Científica de Philip K. Dick*, tese de doutoramento em Literatura Inglesa, Coimbra, Universidade de Coimbra, policopiado, 1995.
- ROSA, Jorge Martins. O Terceiro Incluído: A Subjectividade do Andróide na Ficção de Philip K. Dick, *Revista de Comunicação e Linguagens*, n.º 33 (Corpo, técnica, subjectividades), Lisboa, Relógio d'Água, no prelo, 2003.
- SUTIN, Lawrence. *Divine Invasions: A Life of Philip K. Dick*, Secaucus (NJ), Carol Publishing, 1991.
- SUTIN, Lawrence (org.). *The Shifting Realities of Philip K. Dick: Selected Literary and Philosophical Writings*, Nova Iorque, Vintage, 1995.
- TAYLOR, Mark C. *About Religion: Economies of Faith in Virtual Culture*, Chicago (IL), The University of Chicago Press, 1999.
- TIPLER, Frank J. *The Physics of Immortality: Modern Cosmology, God and the Resurrection of the Dead*, Nova Iorque, Random House/ Anchor Books, 1995.